

HISTÓRIA ECONÔMICA E HISTÓRIA DE EMPRESA: ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS*

*Almir Pita Freitas Filho***

As origens da História Econômica e de sua constituição enquanto um ramo particular do conhecimento histórico remontam à primeira metade do século XIX, numa estreita correlação com o florescimento do capitalismo, da revolução industrial e da Economia Política. Naquela época, já eram perceptíveis as tentativas de integração entre análise econômica e história, exemplificadas em algumas obras publicadas na Inglaterra e na futura Alemanha, que tratavam de problemas relacionados às Leis dos Cereais, à Lei dos Pobres e à União Aduaneira, e, particularmente, pelo marxismo. Entretanto foi somente a partir do início do século atual que se processou, de forma rápida e definitiva, a emancipação da História Econômica e sua constituição como um campo autônomo do conhecimento histórico (Kula, 1977, p. 11-26; Chaunu, 1976, p. 40-1).

As transformações que se processavam no sistema capitalista, em escala mundial, cujos principais sintomas eram as guerras (a Primeira Guerra Mundial especialmente), a Revolução Russa, as lutas coloniais, a crise de 1929 e suas seqüelas, despertavam um interesse cada vez maior pelos temas de ordem econômica e por explicações que levassem em conta esse componente da realidade social.

A emancipação prosseguiu com a institucionalização universitária e editorial da disciplina, expressa em sua introdução nos currículos de algumas universidades

* Este texto é uma versão, com algumas alterações, da comunicação apresentada no I Simpósio Catarinense de História e Documentação Empresarial, realizado de 23 a 26 de maio de 1988, em Florianópolis.

** Professor do Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da UFRJ. Doutorando em História Econômica na USP.
O autor agradece a José Ricardo Moraes Lopes pelo levantamento das teses e dissertações sobre o tema existentes na biblioteca da FEA/UFRJ, assim como a Denise B. Gros pela leitura atenta e sugestões apresentadas à versão anterior, isentando-a, como de praxe, das deficiências remanescentes.

européias e norte-americanas e no aparecimento de publicações especializadas como **The Economic History Review** (1927) e **Annales d'Histoire Economique et Sociale** (1929) na Inglaterra e França respectivamente. As obras da primeira geração de historiadores econômicos, que exerceriam uma grande influência nos anos posteriores à Segunda Guerra, como François Simiand, Ernest Labrousse, Fernand Braudel, também surgiram ou foram gestadas nos anos finais da década de 20 e durante a década de 30 (Kula, 1977, p. 25-6; Chaunu, 1976, p. 42).

Na trilha de sua afirmação institucional, a História Econômica alargou os horizontes de pesquisa e de perspectivas em relação a seu objeto de análise – o econômico –, dando margem ao aparecimento das chamadas especializações, dentre as quais se destacaram a Business History (História dos Negócios ou de Empresa) e a Entrepreneurial History (História Empresarial). Ambas surgiram nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard, devendo-se sua difusão à atuação e aos esforços de B. Donham, N. B. S. Gras e Arthur H. Gole. A fundação da Business History Society em 1926, a instalação da primeira cadeira dessa disciplina em Harvard e a inauguração, em 1928, do **Journal of Economic and Business History** foram marcos importantes no sentido de impulsionar os estudos e o ensino mais sistemático da história dos negócios nos Estados Unidos. A existência de meios materiais – arquivos e documentação econômica das empresas – em posse de bibliotecas universitárias e de sociedades históricas também contribuiu bastante para essa difusão (Cole, 1945, p. 45-50; Chabert, 1954, p. 188-97; Williamson, 1966, p. 407-9; Kula, 1977, p. 157-63).

Fora dos Estados Unidos, a afirmação da Business History data dos anos 50. Na Inglaterra, por exemplo, o marco foi a publicação, em 1954, da monumental **História da Unilever**, de Charles Wilson, que estudava a companhia em sua relação com a estrutura e o desempenho da economia. Em 1958, foi lançado o jornal **Business History** e, no ano seguinte, criada a primeira cadeira universitária explicitamente destinada a esse assunto (Supple, 1977, p. 1-3).

A França também participou dessa movimentação através da publicação de estudos dedicados à história das empresas ou de diversos setores da economia e, em especial, às instituições bancárias, exemplificadas em **Credit Lyonnais de 1863 a 1882** e **Les Rothschild**, ambos de Jean Bouvier, além de revistas especializadas como **Histoire des Entreprises**, de 1958 a 1963, e **Revue d'Histoire des Mines et de la Metallurgie** em 1969 (Mauro, 1974, p. 65). Parece-nos, entretanto, que, na França, os avanços da Business History foram bastante tímidos, em virtude da forte influência da concepção de história total veiculada pela chamada Escola dos *Annales*, pelo menos até meados dos anos 70 (Cardoso, 1988, p. 95-102).

No Brasil, a autonomização da História Econômica também se verificou entre as décadas de 20 e 30 deste século, em concomitância com as transformações internas de ordem política, social (a crise da dominação oligárquica nos anos 20, a Revolução de 30) e econômica (a crise da produção agroexportadora, o “deslocamento do centro dinâmico” de nossa economia, da agricultura para a indústria). No âmbito da produção intelectual, aqueles anos testemunharam o surgimento de várias obras que tinham em comum a preocupação de explicar a sociedade brasileira a par-

tir de uma reflexão sobre seu passado, sua origem e formação. Dentre as mais conhecidas, destacamos **Retrato do Brasil**, de Paulo Prado (1928); **Casa Grande e Senzala**, de Gilberto Freyre (1933); **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda (1936); e aquela que pode ser considerada como o marco da emancipação da História Econômica entre nós, **História Econômica do Brasil (1500-1820)**, de Roberto C. Simonsen, publicada em 1937. Simonsen, além de se dedicar às atividades industrial, de construção e ao comércio de café, foi um dos mais importantes homens públicos da vida republicana e líder industrial, um dos fundadores, em 1928, do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Iglesias, 1970, p. 23-4; Carone, 1971, p. 23-8).

Antes de prosseguirmos, torna-se necessária uma explicação acerca do que entendemos por História Econômica e História de Empresa. Um bom ponto de partida talvez seja o da delimitação do objetivo de ambas.

A Business History, em sua versão norte-americana, preocupava-se com o estudo, no passado, das decisões administrativas de política e de controle dos negócios privados (Chabert, 1954, p. 193). Voltava-se essencialmente para o estudo dos homens de negócios, daí a preferência pelas biografias, constituindo-se num campo distinto em relação à História Econômica.

Já a Entrepreneurial History diferia da anterior ao objetivar o conhecimento do homem de negócios mais como inovador do que como administrador; não unicamente como indivíduo, mas como portador de um papel social, um criador do progresso econômico (Cole, 1945, p. 47-8; Chabert, 1954, p. 196-97). Segundo seu principal articulador, na História Empresarial, o administrador deveria ser estudado com o propósito de verificar quais as mudanças por ele introduzidas na administração que tiveram significado para a sociedade (Cole, 1945, p. 48). Sua inspiração na obra de Schumpeter era bastante evidente, na medida em que também via o empresário como a figura central do desenvolvimento econômico e da história econômica moderna (Chabert, 1954, p. 197). E, apesar de sua particularidade, Cole esperava que a História Empresarial se constituísse num campo de convergência de interesses tanto para os historiadores econômicos quanto para os de negócios (Cole, 1945, p. 50).

A História Econômica, por outro lado, é definida por Jean Bouvier como o estudo dos fatos da produção e das trocas e de como estas evoluem através dos tempos e dos espaços (Bouvier, 1977, p. 9-17). Sob essa ótica, as questões de ordem econômica são apresentadas como fazendo parte de um todo, subjacentes à evolução das sociedades e dos estados, adquirindo uma dimensão de história total. Isto significa que as técnicas, os diversos setores produtivos, a mão-de-obra, assim como os espaços — internacional, nacional, regional, local e as unidades de produção, as empresas — são objeto de interesse da História Econômica. Tratando-se de uma perspectiva histórica com dimensões de totalidade, o estudo da empresa desembocaria, por exemplo, no estudo da constituição da classe empresarial, de suas forças materiais, de seu papel político-social, assim como de sua ideologia. Nessa perspectiva, as fronteiras entre as especializações seriam derrubadas, restando uma história total onde, por um “cuidado pedagógico”, por um recurso didático-analítico, separamos

alguns de seus aspectos. Destacam-se, ainda, como temas de estudo da História Econômica, os preços, os movimentos de alta e de baixa da economia, as fases de prosperidade e as crises econômicas. Estes seriam, portanto, alguns indicadores da gama de objetos pertinentes ao campo da História Econômica. O tempo e o espaço, situados como molduras, como marcos referenciais, dariam o caráter histórico às investigações desses objetos.

É, pois, nessa dimensão da História Econômica e pensando num tipo específico de “espaço”, caracterizado pelas unidades de produção, numa determinada época e sistema econômico, que situamos a História de Empresa. É o próprio Bouvier quem assinala uma importante propriedade: a de tornar a História Econômica mais concreta. Ou seja, na medida em que procura desvendar os mecanismos de funcionamento interno de certas unidades de produção (suas técnicas, administração, mão-de-obra por exemplo) e de sua relação com o meio ambiente, econômico e institucional no qual ela se insere, além de sua própria evolução, a História de Empresa revela o concreto, o palpável, num nível microscópico, desvendando os homens em atividade e os processos produtivos.

A História de Empresa aparece, desse modo, intrinsecamente ligada à História Econômica. Trata-se de um dos mais promissores ramos do conhecimento histórico, que já tem tradição nos grandes centros de estudos, a exemplo dos Estados Unidos, Inglaterra e França, embora seja ainda pouco difundido no Brasil.

Originada dessa multiplicidade de abordagens possíveis para o objeto econômico, configurando-se como um campo particular de estudo da História Econômica, a História de Empresa não deve ter a pretensão de se constituir num “saber” isolado, mas deve, sim, estar atenta e referenciada aos movimentos teóricos e metodológicos que, frequentemente, agitam o conhecimento científico, particularmente a nível das Ciências Sociais. Esta aparece como nossa primeira e, quiçá, mais importante reflexão metodológica acerca da História de Empresa.

É inegável que o surgimento da Business History guardou uma íntima relação com os “encontros” entre historiadores e economistas de que nos fala Bouvier (1976, p. 135-51). Realizados desde meados do século XIX, esses encontros foram, gradativamente, moldando a face da História Econômica através da aliança dos modos econômico e histórico de análise, como também em decorrência da compartimentação do conhecimento, da multiplicação dos campos de investigação que tem atingido a história, afastando-a cada vez mais da ambição de se constituir numa ciência síntese, em favor de abordagens cada vez mais particulares, exemplificadas pela historiografia francesa atual (Cardoso, 1988, p. 93-117).

O perigo acima assinalado ronda a História de Empresa, especialmente se tomarmos o caminho que privilegia o estudo das estruturas administrativas, onde a busca de explicações para o sucesso ou fracasso da empresa se inicia e se esgota nos limites do próprio objeto. Esse procedimento, tributário da visão norte-americana de N. B. S. Gras, reproduz, em nosso entender, a “antiga” história factual, preocupada excessivamente com os eventos, com seu componente glorificador dos feitos heróicos e personalizados. Em contrapartida, parece-nos bastante enriquecedor o caminho seguido pela História Econômica inglesa. Esta procura integrar os temas em-

presarial e institucional no esclarecimento de questões maiores, relacionadas tanto ao desempenho da economia como um todo quanto ao setor industrial ou da firma. Todos devem se recordar da calorosa discussão travada entre os historiadores econômicos ingleses acerca do “declínio” da economia britânica, a partir de 1870, face às economias mais “adiantadas” da Alemanha e Estados Unidos, cujas causas eram atribuídas ao conservadorismo, à falta de “espírito inovador” dos empresários britânicos (Aldcroft, 1964, p. 112-34; Hobsbawm, 1978, p. 160-80; Mathias, s. d., p. 314-28).

Tendo abordado essas questões gerais a partir de um referencial da História Econômica e da de Empresa realizadas nos grandes centros de produção intelectual do Exterior, voltemos um pouco para o Brasil.

O interesse despertado pela História Econômica e pela de Empresa em nosso País, especialmente a partir de meados dos anos 50, decorreu de uma série de fatores: o processo de consolidação da indústria como setor dinâmico da economia, cuja participação no PIB ultrapassou a agricultura nessa época; a discussão travada naquele momento acerca da política a ser adotada no sentido de acelerar a industrialização do País e de superar o “subdesenvolvimento”; e, por último, o incremento dos estudos teóricos e de pesquisas que contribuíssem para uma revisão das interpretações tradicionais sobre a sociedade brasileira e sobre o comportamento dos agentes sociais e que procuravam também dar conta da complexidade de uma sociedade capitalista dependente.

Um rápido balanço das tendências mais recentes da historiografia econômica brasileira, especialmente centrada nos estudos de História de Empresa, fornece-nos um panorama promissor, especialmente a partir dos anos 70.

Roberto A. Lapa (1985, p. 35 e segs.) já assinalava a presença, na década de 60, de diversos fatores que viabilizaram a organização e a ampliação do quadro de historiadores do País. Os frutos dessa mudança começaram a brotar nos anos 70, através da institucionalização dos cursos de pós-graduação e de uma produção mais regular proveniente dos mesmos. Também merece destaque o aparecimento mais sistemático de publicações especializadas na área de História, divulgando uma produção acadêmica mais diversificada, representativa das novas tendências dos estudos históricos no País.

Até início da década de 70, ainda não havia se instituído entre nós uma tradição de estudos em História de Empresa ou Empresarial, apesar de se reconhecer sua importância e necessidade. Praticamente, o único empresário cuja atuação e empreendimentos tinha merecido um exame mais detido por parte da historiografia era Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá. Atualmente, já podemos distinguir, com base em trabalhos publicados ou através do conhecimento acadêmico informal, algumas linhas que atestam não só o amadurecimento das pesquisas, como também uma maior permeabilidade dos historiadores ao tema. Vai-se tornando cada vez menos aceita a concepção de História de Empresa como um tema menor, frequentemente associada à história factual, quase sempre apologética da figura do empresário. Essa reticência em abordar o tema da empresa escondia, em grande parte, uma falta de familiaridade de nossos historiadores econômicos com as fontes con-

tábeis e com as técnicas quantitativas, especialmente de computação, como lembra M. B. Levy (1986, p. 17-9).

Uma das tendências que descortinamos em relação à História de Empresa no Brasil faz fronteira com a Sociologia, tanto no tocante às questões abordadas quanto ao método empregado, e pode ser exemplificada pelo trabalho pioneiro de José de Souza Martins, **Conde Matarazzo, o Empresário e a Empresa**, publicado em 1967. Trata-se de uma maneira de abordar o empresário e a empresa, inserindo-os no contexto sócio-econômico do País, objetivando desvendar as características do desenvolvimento industrial brasileiro em sua gênese. Essa obra, resultante de um importante trabalho de pesquisa, associada a um vigoroso quadro teórico, serve, ainda hoje, como modelo de uma História de Empresa ou Empresarial que não se circunscreve ao específico, ao atomizado.

Uma segunda tendência é a que aborda a História de Empresa propriamente dita, configurando o estudo de casos e a sua relação com o contexto sócio-econômico, procurando desvendar as estratégias dos empresários, questionando e relativizando visões já consagradas pela historiografia em relação a temas como: as origens da indústria no Brasil; o papel dos empresários; e a ação do Estado no processo de industrialização do País.

O conjunto de trabalhos já existentes que abordam esse tema nos indica ser este um dos caminhos mais promissores da História Econômica que se desenvolve nos principais centros de pesquisa do País, na atualidade. Vale ressaltar que esses trabalhos procuram esclarecer aspectos do desenvolvimento econômico e social do País e foram realizados, em sua maioria, por historiadores profissionais e também por alguns economistas, que tomaram como objeto de análise empresas localizadas nos primeiros centros industriais do País. Essa tendência, no entanto, já encontra uma expressiva resposta por parte de historiadores que, trabalhando em centros de pesquisa instalados fora do eixo Rio-São Paulo, abordam a temática da industrialização sob o prisma da história local.

Destaquemos, inicialmente, o trabalho de Elizabeth von der Weid e Ana Marta R. Bastos, **O Fio da Meada. Estratégia de Expansão de uma Indústria Têxtil**, publicado em 1985. Trata-se de um estudo monográfico de uma empresa têxtil bastante representativa do setor, a América Fabril, situada no Rio de Janeiro, no período de 1876 a 1930. Com base numa rica documentação, as autoras estudam as origens do processo de industrialização da cidade e as estratégias adotadas pelos empresários da companhia para a expansão crescente e contínua da empresa, assim como para controlar a força de trabalho.

Um número expressivo de teses e dissertações ainda inéditas tratam da história de empresas sediadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, dentre as quais **Companhia Luz Esteárica no Período de 1854 a 1898**, de Jorge J. Siqueira; **A Companhia Agrícola Usina Santa Maria**, de Myriam S. Stanley; **Três Apitos. Estudo sobre a Gênese e Expansão da Companhia Progresso Industrial do Brasil (1889-1930)**, de Fernando A. Faria; e **Bangú, a fábrica e o bairro. Um estudo histórico (1889-1930)**, de Gracilda A. Azevedo. A contribuição dos economistas aparece através dos estudos de Barjas Negre sobre o grupo Dedini entre 1920 e 1975; o de Mônica Oberg,

A História da Resana S/A; Empresa Privada Líder do Setor Químico; e o de Jacques Kerstenetzky, A História da Metal Leve S/A, Líder no Setor Metal-Mecânico.

Alguns trabalhos produzidos fora do eixo Rio-São Paulo devem ser lembrados, como, por exemplo, o de José Luis Pamponet Sampaio sobre a Companhia Empório Industrial do Norte (1891-1973) na Bahia; o da Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, uma edição particular, comemorativa do centenário da Fábrica Cedro em Minas Gerais; o de Helga Blaschre sobre A Fundação Tupy S/A, uma indústria pioneira em Santa Catarina; o de Luiz V. Colombi sobre a empresa Hering e a industrialização de Blumenau entre 1890 e 1915; o de Rufino P. de Almeida sobre a Germano Stein; além do estudo sobre a arqueologia industrial da Fábrica de pontas Rita Maria, também em Santa Catarina.

Resta acrescentarmos a essa listagem alguns trabalhos sobre empresas prestadoras de serviços, onde se destacam os estudos de ferrovias, como o de Almir C. El-Kareh sobre a Estrada de Ferro D. Pedro II entre 1855 e 1865; o de Margareth Guimarães Martins sobre a Central do Brasil no período de 1908 a 1940; e o de Flávio Saes sobre as ferrovias paulistas entre 1870 e 1940.

As empresas de energia elétrica, por sua vez, são analisadas nos estudos de Márcio Wolhes sobre as Centrais Elétricas de São Paulo (CESP) e no de Cecília Margisglia, Maria Regina C. Mello e Nely Robles S. Bacellar sobre a Central Elétrica de Rio Claro. Em outro trabalho sobre a grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira, o Professor Saes aborda a presença de várias empresas prestadoras de serviços — transportes urbano e ferroviário, iluminação, fornecimento de energia elétrica, telefonia, serviços de água e esgoto —, entre 1850 e 1930, com características técnicas e organizacionais bastante “modernas” no interior de uma economia cafeeira.

Uma terceira linha de pesquisa em torno da História de Empresa é a que aborda o papel dos empresários e sua atuação através dos órgãos de classe. Os trabalhos dessa vertente dão atenção às formas de organização e de pensamento de grupos empresariais de expressão local e regional, abordando questões como: suas relações com o Estado e com outros grupos sociais; as políticas econômicas adequadas ao setor; o capital estrangeiro; a organização científica do trabalho; além de se preocupar com a identificação de um projeto de transformação econômica do País que tivesse como sustentáculo o setor industrial. São estudos que, em sua maioria, examinam o processo de formação e de afirmação do empresariado industrial brasileiro, atenuando as versões que atribuem ao Estado a responsabilidade única pela elaboração de um projeto industrialista, muitas vezes à revelia da classe industrial, tida frequentemente como passiva, ausente, inorgânica.

Arrolados nessa vertente interpretativa encontram-se os trabalhos pioneiros de Eli Diniz e de Renato R. Boschi sobre o empresariado nacional e suas relações com o Estado nos anos 30 e 60; o de Maria J. Trevisan sobre a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e o “desenvolvimentismo”; o de Maria Antonieta Leopoldi sobre os empresários do Rio de Janeiro e de São Paulo vistos através de suas organizações classistas; e o nosso próprio estudo sobre os empresários cariocas organizados no Centro Industrial do Rio de Janeiro e na Federação entre 1930 e 1945.

Destacamos, ainda, os trabalhos da Professora Sandra J. Pesavento sobre a burguesia industrial gaúcha durante a República Velha e os de Naira Lima Lapis e Denise B. Gros sobre os industriais gaúchos e suas relações com o capital estrangeiro e com o Estado nos anos 60 e 70. São pesquisas que, ao analisarem as formas de atuação e de pensamento de uma fração regional da burguesia industrial em diferentes conjunturas históricas, questionam a generalização das interpretações, baseadas principalmente no comportamento dos industriais paulistas e cariocas.

Os exemplos arrolados parecem-nos suficientes no sentido de demonstrar as férteis possibilidades da História de Empresa ou Empresarial no Brasil, especialmente se estivermos atentos para determinados problemas de ordem metodológica. Os estudos de História de Empresa, partindo da ampla concepção que foi assinalada, certamente se multiplicarão, englobando inclusive outras atividades, como as bancárias, seguradoras, comerciais, e outros períodos, na medida em que:

- se difunda cada vez mais a necessidade de se estudarem as empresas sob uma perspectiva mais ampla, que fuja à introspecção, ao isolamento e que demonstre sua vinculação com a estrutura e com o desempenho da economia como um todo;
- sejam intensificados os estudos de casos, os estudos regionais e de indústrias típicas de determinados setores responsáveis pela dinamização da economia num determinado momento histórico;
- o pesquisador se preocupe em consolidar sua formação teórica, aproximando-se do economista, incorporando o estudo da teoria econômica, particularmente o referente à teoria da firma, e do desenvolvimento econômico, sem, no entanto, negligenciar a literatura histórica, ampliando, com isso, sua erudição;
- os métodos empregados, especialmente os quantitativos, os cálculos, as estatísticas, imprescindíveis para a História Econômica, sejam considerados meios de trabalho e que, sozinhos, nada signifiquem, a não ser no sentido de auxiliar o pesquisador na busca de respostas às questões previamente formuladas. Decorre dessa observação a necessidade de hipóteses de trabalho que, elaboradas inicialmente, permitam uma delimitação do campo de estudos, dos marcos temporais e, especialmente, das fontes a serem utilizadas. Uma vez que já se tenha idéia do que se pretende perguntar aos documentos, podem ser obtidas respostas mais objetivas e frutíferas que, certamente, farão renovar o conhecimento histórico presente;
- os próprios empresários sejam sensibilizados sobre a importância da preservação de documentos relativos a suas empresas, desde a correspondência diária, as fichas de admissão dos empregados, os relatórios de atividades, fotografias, peças do mobiliário e as maquinarias, como também das condições de acesso dos pesquisadores aos mesmos.

Existe, em nosso entender, uma interdependência entre os objetivos da pesquisa, as hipóteses formuladas e as fontes disponíveis naquele momento. A observância dessas diretrizes certamente diminuirá as frustrações decorrentes das dificuldades de acesso às fontes documentais, aos arquivos das empresas, como também

aos recursos financeiros, freqüentemente escassos para empreendimentos dessa monta em nosso País.

O desenvolvimento dos estudos de História de Empresa deverá ser útil, no atual estágio de nosso conhecimento histórico, para esclarecer certas questões ainda não convenientemente abordadas, a exemplo do processo de industrialização do País e suas especificidades regionais; o papel de determinados setores industriais ou grupo de indústrias; as origens do capital industrial e as estratégias adotadas pelos empresários para a expansão de suas empresas e dinamização da própria economia do País.

A História de Empresa tem-se, portanto, mostrado como um desafio para o historiador econômico, uma vez que, estudada apenas sob o aspecto microeconômico, não é uma história completa (Mauro, 1974, p. 64). E o historiador de empresa, enquanto homem de seu tempo, deve também buscar, através da história, os instrumentos de compreensão do presente e de construção do porvir.

Bibliografia

- ALDCROFT, D. H. (1964). The entrepreneur and the british economy 1870-1914. *The Economic History Review*, 30(1):113-34, aug.
- BOUVIER, Jean (1976). O aparelho conceptual na história econômica. In: SILVA, Maria B. Nizza da, org. *Teoria da história*. São Paulo, Cultrix. p. 135-51.
- (1977). *Initiation au vocabulaire et aux mecanismes économiques contemporaines* (secs. XIX et XX). Paris, SEDES. p. 9-17.
- CARDOSO, Ciro F. S. (1988). *Ensaio racionalistas*. Rio de Janeiro, Campus. p. 93-117.
- CARONE, Edgard (1971). Roberto C. Simonsen e sua obra. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, FGV, 11(4):23-8, out./dez.
- CHABERT, Alexandre (1954). De quelques tendances récents de l'histoire économique américaine: les business and entrepreneurship histoires. *Revue d'Histoire Economique et Sociale*, (23):187-99.
- CHAUNU, P. (1976). A economia: ultrapassagem e prospectiva. In: LE GOFF, J. & NORA, P., comp. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves. p. 40-58.
- COLE, A. H. (1945). Business history and economic history. *The Journal of Economic History*, 5(2):45-53, dez., supl. 5.
- CORRÊA, Carlos H. org. (1987). *Catálogo das dissertações e teses dos cursos de pós-graduação em história, 1973-1985*. Florianópolis, UFSC.
- HOBSBAWM, E. J. (1978). *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária. p. 160-80.

- IGLÉSIAS, F. (1970). Situação da história econômica no Brasil. In: ANAIS de história. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, (2):1-64.
- KULA, Witold (1977). **Problemas y metodos de la historia económica**. 3. ed. Barcelona, Ediciones Península.
- LAPA, José R. do Amaral (1985). **História e historiografia: Brasil pós 64**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LEVY, Maria Bárbara (1986). Apresentação. In: WEID, Elizabeth von der & BASTOS, Ana Marta Rodrigues. **O fio da meada: estratégia de expansão de uma indústria têxtil; Companhia América Fabril 1878-1930**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa – C. N. I. p. 17-9.
- MATHIAS, Peter (s. d.). **A primeira nação industrial: uma história econômica da Inglaterra, 1700-1914**. Lisboa, Assírio e Alvim.
- MAURO, Frédéric (1974). O empresário moderno e a história econômica. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, FGV, 14(4):63-8, jul./ago.
- SUPPLE, Barry, ed. (1977). **Essays in british business history**. Oxford, Clarendon. p. 1-8.
- WILLIAMSON, H. F. (1966). Business history and economic history. **The Journal of Economic History**, 26(4):407-17, dec.